



**Relatório sumário do 6.º Fórum Consultivo
sobre Financiamento do Setor Cafeeiro**

Antecedentes

1. O 6.º Fórum Consultivo sobre Financiamento do Setor Cafeeiro foi realizado durante a semana da 117.ª sessão do Conselho Internacional do Café, em Londres, Reino Unido, em 21 de setembro de 2016, quarta-feira. Seu tema foi "Desafios globais e corresponsabilidade no setor cafeeiro" e a pergunta principal em que ele se concentrou foi "A atual estrutura do mercado cria valor para todos?". Sob a presidência do Sr. Juan Esteban Orduz, Presidente da Colombian Coffee Federation Inc., o Fórum congregou especialistas dos setores público e privado para discutir os desafios enfrentados pelo setor cafeeiro, focalizando, em especial, a rentabilidade da cafeicultura. O Fórum foi copatrocinado pela Colombian Coffee Federation e consistiu em 5 painéis, com mais de 20 oradores de todo o setor cafeeiro.
2. As apresentações e documentos básicos do Fórum podem ser encontrados [site da OIC](#).

RELATÓRIO SUMÁRIO DO 6.º FÓRUM CONSULTIVO SOBRE FINANCIAMENTO DO SETOR CAFEIEIRO

Boas-vindas e palavras iniciais

1. O Diretor-Executivo, Sr. Robério Oliveira Silva, deu as boas-vindas aos participantes do 6.º Fórum, lembrando que o Fórum era uma atividade inovadora, estabelecida sob a égide do Acordo Internacional do Café de 2007 para facilitar consultas sobre questões atinentes ao setor cafeeiro. Após frisar sua intenção de continuar explorando novos métodos para distribuir de forma justa e equânime o valor que se origina no setor cafeeiro, o Diretor-Executivo agradeceu ao Presidente, aos moderadores e aos participantes dos painéis suas contribuições ao evento.

2. O Presidente discorreu mais alongadamente sobre o título do evento e sobre a necessidade de fazer com que cada elo da cadeia produtiva do café funcionasse bem, em termos de sustentabilidade econômica, para garantir a oferta futura. Interessava a todos que os diversos custos e benefícios fossem compartilhados por todos os participantes da cadeia produtiva. O ponto de partida do Fórum era a ameaça criada para o setor como um todo por desafios como a volatilidade dos preços, a queda de produtividade e rentabilidade das lavouras, a segurança dos alimentos e as preocupações sociais e ambientais. Os cafeicultores estavam arcando sozinhos com os custos do enfrentamento desses desafios? O que podia ser feito para distribuir o valor e a responsabilidade de forma equilibrada por toda a cadeia de valor do café?

Avaliação da sustentabilidade econômica da cafeicultura

3. A Secretaria apresentou um novo estudo econômico da OIC intitulado “Avaliação da sustentabilidade econômica da cafeicultura”, com o intuito de disponibilizá-lo como base para as discussões do Fórum. O estudo mostrava que, de 2000 a 2015, os preços internacionais do café tinham-se mantido abaixo de seus níveis decenais médios. Especificamente, ele examinava custos e receitas no Brasil, Colômbia, Costa Rica e El Salvador e mostrava que muitos produtores vinham operando há 10 anos a um nível insuficiente para cobrir seus custos variáveis de produção. O resultado era uma escassez de investimentos: os produtores se viam impossibilitados de manter suas lavouras, e isso afetava os meios de sustento dos pequenos. A indagação do que podia ser feito para lidar com esta situação foi apresentada ao Fórum como ponto de partida para as discussões.

Painel 1: Desafios enfrentados nos países produtores de café

Desafios globais afetam todo o setor cafeeiro, mas cada país também tem suas próprias preocupações e prioridades específicas. Quais são os problemas mais importantes com que o setor cafeeiro se depara em países específicos, e quais são as lições aprendidas que é possível transferir para outras regiões?

4. Este painel foi moderado pelo Sr. Piotr Krawczyk, Especialista do Departamento de Cooperação Internacional do Ministério do Desenvolvimento Econômico da Polônia. O Sr. Krawczyk deu as boas-vindas aos oradores do painel e apresentou os oradores. Afirmando que tinha a ambição de oferecer novas visões aos participantes e descobrir novos elos entre os problemas econômicos, sociais e ambientais que afetavam o setor cafeeiro, ele solicitou aos oradores que se concentrassem no aspecto humano.

Sr. Carlos Melles, Deputado Federal, Governo do Brasil

5. Maior produtividade pode levar a maiores riscos para os produtores se não houver um empenho recíproco do lado da demanda. Maior produtividade requer maiores gastos com insumos. O café precisa ser rentável e é uma atividade de alto risco. Os produtores enfrentam muitos riscos, mas os bancos não os financiam. Eles só estiveram em melhores condições quando a OIC, o IBC e a Federação Brasileira dos Exportadores de Café? regulavam o mercado. No mercado livre, o produtor empobreceu. O momento, portanto, é sério e pede reflexão.

Sr. Carlos Brando, Especialista em Café Independente

6. O Brasil produz café com grande eficiência, e sua participação de mercado aumentou para 33% do total mundial. No entanto, ainda há desafios. O primeiro é a adaptação às mudanças climáticas: o Brasil perdeu entre 22 e 24 milhões de sacas de café nos três últimos anos devido a secas. O segundo é a mecanização das colheitas e outras atividades nas áreas montanhosas, onde a mão de obra pode responder por até 60% dos custos de produção. O terceiro é que os serviços de extensão que alcançam os pequenos produtores precisam ser melhorados, pois esses produtores constituem 80% de todos os cafeicultores e respondem por 35% das safras. O quarto é que maior financiamento é necessário, com uma forte ênfase na mitigação das mudanças climáticas. Finalmente, é preciso ampliar o marketing e elevar a agregação de valor. Estes desafios não são novos, e alguns já registram histórias de sucesso. Por exemplo, o Brasil já é a maior fonte de café sustentável do mundo.

Sr. José Hugo Hernández, Diretor-Executivo, Conselho Salvadorenho do Café

7. El Salvador foi o país mais afetado pelo recente surto de ferrugem do café na região. Medidas precisaram ser tomadas para melhorar a produtividade através de trabalho com o setor privado e de políticas públicas. As matas com café sombreado são cruciais para a

sustentabilidade ambiental. No âmbito de um pacto cafeeiro firmado entre os setores público e privado, El Salvador busca maior adaptação e resistência às mudanças climáticas. Isso também é muito importante para o futuro dos jovens, que vêm deixando o campo. O desafio é significativo, particularmente em países muito dependentes da produção de café. A educação, a informação e a conscientização precisam ser ampliadas.

Sr. Le Tien Hung, Diretor-Geral, Simexco Dalak Ltd

8. O setor cafeeiro vietnamita hoje enfrenta diversos desafios. Primeiro, há o problema das mudanças climáticas, que já afetam as zonas de cafeicultura. Outro grande problema é o desmatamento, que reduz a disponibilidade de água para irrigação. À medida que envelhecem, os cafeeiros do Vietnã vão-se tornando menos produtivos. Em muitas áreas eles têm mais de 20 anos, e as taxas de replantio são baixas devido aos juros altos dos empréstimos. As propriedades via de regra são pequenas, com cerca de 1,5 a 2 hectares, o que dificulta a aplicação de novas tecnologias. Além disso, o café enfrenta competição com outros cultivos, como a pimenta e o abacate, que são mais lucrativos. Os cafeicultores vietnamitas também estão envelhecendo, e os jovens não querem trabalhar na cafeicultura. Finalmente, o prêmio por cafés certificados é pequeno demais e não atrai os cafeicultores. Prevê-se, portanto, que a produção do café do Vietnã diminuirá nos cinco próximos anos, e isso é muito preocupante.

Sr. Fred Kawuma, Secretário-Geral, Organização Interafricana do Café (OIAIC)

9. Vinte e cinco países produzem café na África, mas muitos produtores se vêm diante de desafios significativos, como a baixa produtividade, o acesso precário a financiamento, o envelhecimento dos cafeicultores e uma falta de serviços eficazes de extensão. Há cafezais na África com mais de 60 anos; por isso, seu rendimento é muito baixo. A produção também pode ser afetada por desafios políticos, em períodos de conflitos, ou por problemas epidemiológicos. Os países produtores precisam conseguir o envolvimento dos jovens na agricultura e a ampliação do acesso dos cafeicultores a novas tecnologias. Isso requer políticas cafeeiras nacionais nos países produtores, como as já adotadas com sucesso na Tanzânia, em Uganda e na Côte d'Ivoire.

10. Na discussão do painel, os participantes discutiram como criar um ambiente propício para os produtores. Para tanto, é preciso que haja um sistema financeiro eficiente para financiar a aquisição de insumos e equipamento. Com frequência, a logística não é suficientemente boa. São importantes as políticas nacionais de apoio aos cafeicultores, que precisam evoluir de uma agricultura de subsistência para os agronegócios. Resultados têm sido obtidos quando se consegue conectar os produtores ao mercado através de iniciativas

como os microleilões. As parcerias público-privadas são cruciais, pois nenhum dos dois setores pode solucionar os problemas sozinho. O melhor estímulo ao aumento da produção é sempre o preço.

Painel 2: Indicadores socioeconômicos

As condições socioeconômicas que envolvem os cafeicultores são de suma importância para a garantia da sustentabilidade do setor cafeeiro, mas dispomos de surpreendentemente poucos dados sobre as tendências e a dinâmica das mesmas. Que programas e iniciativas tratam deste aspecto no momento, e que áreas que precisam de mais atenção?

11. Este painel foi moderado pela Sr.^a Nancy Cheruiyot, Administradora Interina do Commodities Fund do Quênia. Iniciando a discussão, a Sr.^a Cheruiyot disse que a demanda por café está crescendo, mas que os produtores não recebem atenção. Não há dados suficientes sobre a situação socioeconômica dos produtores.

Sr. René León, Presidente, Programa Cooperativo Regional para o Desenvolvimento Tecnológico e a Modernização da Agricultura (PROMECAFÉ)

12. Na América Central, aproximadamente 15 a 20% dos recursos em moeda estrangeira provêm do café. A região tem cerca de 330.000 cafeicultores e – pressupondo-se 5 indivíduos por família – quase 2 milhões de pessoas engajadas com café, além de 12 milhões de empregos ligados ao setor cafeeiro. A maioria dos produtores são pequenos, com propriedades de 1 a 3 hectares. O setor atualmente atravessa um período difícil e enfrenta problemas complicados, como as mudanças climáticas, temperaturas mais altas e doenças como a ferrugem. A situação hoje não é economicamente sustentável, e os produtores indagam como um café pode custar US\$3 a US\$4, enquanto eles só ganham alguns centavos. Nas famílias cafeicultoras o índice de analfabetismo é alto e a dieta não é equilibrada. Isso leva a problemas sociais como o tráfico de drogas e a migração. É preciso assumir responsabilidade não só pelos benefícios, mas também pelos riscos.

Sr. Sjoerd Panhuysen, Oficial de Conhecimentos, Hivos International

13. Devemos falar de um salário condigno ligado à produção de café, pois os pais não querem que os filhos se tornem cafeicultores. A certificação não trouxe os benefícios esperados há 10 ou 15 anos, e a sustentabilidade da produção continua a ser um problema por resolver. Mais importante é que carecemos de dados confiáveis. Não há suficiente informação sobre o número de cafeicultores no mundo ou quantos hectares há de café. São cifras importantes, necessárias para podermos falar sobre a rentabilidade do setor cafeeiro.

Sr. Pablo Ramírez, Consultor Internacional

14. O Sr. Ramírez iniciou o debate recordando que a sustentabilidade sempre teve três pilares: social, ambiental e econômico. O econômico, porém, parece estar perdendo a atenção. Com a assimetria criada, surgem riscos para a subsistência dos cafeicultores. As prioridades deveriam se concentrar no pilar econômico da sustentabilidade, para induzir mudanças, que mais mais tarde viriam também nos demais. Os cafeicultores não deveriam ter de se responsabilizar por este aspecto; a responsabilidade deveria ser compartilhada. Algumas opções incluem a redução da volatilidade dos preços, o pagamento de salários condignos e o aumento da demanda por café sustentável.

15. A moderadora perguntou ao painel como se poderia incentivar os jovens a se tornar cafeicultores. Eles só irão se interessar se o café for lucrativo. Também há soluções tecnológicas, que podem ser exploradas para tornar atividades como a cafeicultura mais atraente para os jovens. 95% dos cafeicultores envolvidos em um projeto revelaram que não queriam que seus filhos seguissem na agricultura. O problema é grave, portanto – mas há esperanças, como se vê ao testemunhar grupos como este Fórum examinando esta questão.

16. O painel concluiu das discussões que os cafeicultores estão empobrecendo e que é preciso se unir, iniciando estudos e discutindo alternativas para garantir a rentabilidade. Para que haja um consumidor feliz, é preciso que haja um produtor feliz.

Painel 3: Corresponsabilidade pelas mudanças climáticas

As mudanças climáticas são um desafio para toda a cadeia de valor do café, e precisamos abordá-las de forma abrangente e colaborativa. Como podemos nos assegurar de que a responsabilidade pela adaptação a elas e por sua mitigação será compartilhada por todos os participantes?

17. Este painel foi moderado pelo Sr. Primus Kimaryo, Diretor-Geral da Junta do Café da Tanzânia. O café é produzido no Sul e consumido no Norte. A demanda por café está aumentando, mas a produção pode diminuir devido às mudanças climáticas. Como enfrentar este problema?

Alejandro Keller, Presidente Interino, Associação Nacional do Café da Guatemala (Anacafé)

18. As mudanças climáticas precisam ser tratadas de modo holístico e não apenas de uma perspectiva nacional. É preciso priorizar e definir o que é realmente importante. Devemos analisar a dinâmica social que elas engendram no setor – por exemplo, aumentos da migração e efeitos sobre a segurança alimentar. As medidas de adaptação – como novas variedades vegetais, investimentos nas lavouras para otimizar a produção, etc. – evidentemente terão seu custo.

Sr.ª Annette Pensel, Diretora-Executiva Interina, Plataforma Global do Café

19. Os desafios aos cafeicultores são muito complexos; US\$350 milhões já foram investidos na cafeicultura, mas não bastam. Muitas iniciativas fragmentárias vêm sendo implementadas, mas é difícil expandi-las. Assim, como apoiar os cafeicultores de modo mais eficaz? Isto é o que a Plataforma Global do Café pretende fazer, usando as Metas de Desenvolvimento Sustentável como princípios orientadores. A Plataforma, integrada por torrefadores, exportadores, produtores, cooperativas e organizações da sociedade civil, almeja ser um veículo para a mudança.

Sr. Brian Lainoff, Principal Coordenador de Parcerias, The Crop Trust

20. As mudanças climáticas vão submeter a enorme pressão a capacidade de produzir alimentos ou, neste caso, de cultivar o café necessário para satisfazer o consumo. O impacto da maior seriedade será nos países produtores. O desenvolvimento de variedades vegetais resistentes ao calor, às estiagens e a outros extremos talvez seja a medida mais importante que se poderá tomar para conseguir uma adaptação às mudanças. Não será a única medida, mas já será uma medida. A adaptação demora; por isso, medidas que ajudem a lidar com o problema precisam ser tomadas o quanto antes possível.

Sr. Aitor Ezcurra, Chefe, Divisão Corporativa, Corporação Interamericana de Investimentos

21. Tem havido muita pressão interna e externa sobre as instituições financeiras de desenvolvimento em relação às mudanças climáticas. No que concerne ao café, grande parte das operações do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) irá se concentrar no transporte eficiente e nos agronegócios. Por exemplo, o BID recentemente disponibilizou aos pequenos e médios cafeicultores da Nicarágua financiamento de longo prazo para replantio, na esteira do problema da ferrugem, que exigiu replantio parcial. Um mecanismo de partilha de riscos foi desenvolvido e implementado, reunindo numerosos participantes da cadeia produtiva, comerciantes internacionais e empresas da área cafeeira. Com tantos envolvidos, foi preciso equilibrar muitas opiniões diferentes. Uma lição é que fica difícil articular esta espécie de financiamento quando se lida com questões complexas. Desafios assim, contudo, não são insuperáveis.

22. A principal conclusão da discussão é que é preciso reunir todos os interessados para alinhar estratégias, agendas, prioridades, fundos para projetos de adaptação e mitigação das mudanças climáticas e outras prioridades do setor.

Painel 4: Preços internacionais

Argumenta-se com frequência cada vez maior que o contrato 'C' de Nova Iorque não reflete a dinâmica fundamental da oferta e da demanda, que afeta a maioria dos cafeicultores, e que a volatilidade dos preços resulta em grande parte de especulação financeira. De acordo com sua experiência, isto é verdade? Há outros mecanismos de descoberta de preços que deveriam ser explorados?

23. Este painel foi moderado pelo Sr. Ronald Peters, Diretor-Executivo do Instituto do Café da Costa Rica (ICAFÉ). O Sr. Peters abriu o debate afirmando que os produtores de café são as peças mais vulneráveis do setor cafeeiro e que, em muitos casos, não são valorizados economicamente pelo mercado. O que o contrato 'C' faz para garantir a descoberta de preços? A sustentabilidade é uma palavra da moda, mas o setor não reconhece os riscos financeiros corridos pelos produtores.

Sr. Nicolas Tamari, Diretor-Presidente, Sucafina

24. Em geral o mercado de futuros funciona como instrumento válido para a descoberta de preços – mas mais dos preços do café comum que do gourmet. No longo prazo, a bolsa de Nova Iorque reflete a realidade final da oferta e da demanda, dos Arábicas Naturais sobretudo, mesmo que o contrato se refira aos Arábicas Lavados. No entanto, no curto e médio prazos há deslocamentos de preços em contraposição aos fatores fundamentais do mercado, devido a especulação ou a eventos climáticos. Em particular, as somas cada vez maiores em poder dos fundos especulativos causam exageros, seja na alta, seja na baixa. Isso incentiva a análise técnica e não a análise dos fatores fundamentais. Mais adiante, porém, o produtor precisará de um incentivo para continuar a produzir café de qualidade.

Sr. Rodrigo Correa da Costa, Diretor de Commodities, SG Americas Securities, LLC

25. Apesar de diferenças em termos de qualidade, origens e tempo, a bolsa de futuros de Nova Iorque reflete o que ocorre com os fatores fundamentais. Incluem-se neste cenário os estoques dos países consumidores, dos países produtores e em trânsito, bem como as cifras do consumo e da produção. Em termos de volatilidade, é isso que desperta o interesse das entidades financeiras em se manter no mercado e correr riscos que a indústria, os torrefadores e os produtores não estão dispostos a correr. Elas assim são uma parte fundamental do mercado.

Edgar Cordero, Assessor Sênior de Estratégia Global, Colombian Coffee Federation, Inc.

26. O contrato 'C' é um instrumento financeiro: é apenas uma parte do mercado cafeeiro. O mercado consiste em 25 milhões de produtores e centenas de milhões de consumidores, bem como torrefadores, lojas, companhias de transporte marítimo e todos os demais elos

interpostos. A evolução dos preços depende da percepção da oferta e da demanda e sempre pode mudar. Não há equilíbrio; o que sempre há é um fluxo. Esta é basicamente a velha teoria marxista da receita e da distribuição – como fazer com que o dinheiro flua de uma extremidade da corrente para a outra?

Sr. Ric Rhinehart, Diretor-Presidente, Specialty Coffee Association of America (SCAA)

27. O mercado de futuros de commodities inicialmente tinha três finalidades básicas: facilitar a descoberta dos preços, proporcionar um instrumento de gestão de risco e atuar como comprador ou vendedor para completar a transação. No caso do café, o mercado de futuros falhou em duas das três finalidades acima. Em 2011, nenhum café estava sendo entregue à bolsa, e nela seria quase impossível comprar um novo lote. Alguns argumentam que o mercado também havia falhado como mecanismo de descoberta de preços. Em termos de seu sucesso como mecanismo de gestão de preços, ele é um instrumento que beneficia quem tem dinheiro que precisa ser protegido. À base do contrato ao 'C' de Nova Iorque estão os Arábicas Lavados de uma pequena seleção de origens negociáveis. Mas a verdade é que o mercado já não está rastreando esses cafés, mas os Arábicas Naturais e, em menor escala, os Robustas e a força do dólar dos EUA. Trata-se essencialmente de um mercado de derivados. Os cafeicultores querem gerir seus riscos na baixa e, para eles, o mercado de futuros não é um instrumento eficaz. O problema não é tanto de preços, quanto de distribuição, que é o aspecto de que se deveria cuidar.

28. A principal conclusão das discussões deste painel é que o contrato 'C' só reflete a disponibilidade da oferta brasileira. Também se sugeriu que o mecanismo de preços deveria levar em conta os custos de produção nos países exportadores. No entanto, o mercado de futuros continua a ser um bom mecanismo de descoberta de preços. E o contrato "C" não é disfuncional. O acréscimo dos Naturais Brasileiros ao contrato "C" para fazê-lo negociável não faz diferença. A principal questão é de como gerir os riscos.

Painel 5: Mecanismos financeiros para os produtores de café

Há muitas oportunidades para facilitar a provisão de financiamento aos pequenos cafeicultores, mas, apesar disso, o acesso a financiamento continua a ser problemático para numerosos cafeicultores. O que é necessário para fazer com que essas soluções financeiras inovadoras se concretizem?

29. Este painel foi moderado pelo Sr. Alfredo Moisés, Presidente da Café Monte Grande (México).

Sr. Benjamin Schmerler, Diretor Sênior, Root Capital

30. Não basta apenas capital para movimentar financiamento; é necessário oferecer comércio em gestão financeira nas zonas rurais, para que os fornecedores entrem em cena. Os pequenos negócios que precisam de capital de US\$50.000 a US\$3 milhões atualmente não estão aptos para ser receber atendimento. Como o tempo, eles poderão evoluir para soluções mais comerciais. Há barreiras à adoção de métodos inovadores para financiar os pequenos produtores, mas também há outras soluções que precisam ser consideradas.

Sr. Cory Bush, Senior Trader, Falcon Coffees

31. Há quatro pontos essenciais para a construção de cadeias da oferta em regime de colaboração, incluindo acesso a financiamento pelos pequenos cafeicultores. Primeiro, precisa-se de uma transparência radical da porteira da fazenda até o consumidor, que pode ajudar a resolver os desafios da distribuição mencionados em outros painéis. Segundo, os instrumentos de gestão de risco precisam ser adaptados à escala e ao contexto em que são empregados: há uma diferença entre produtores na África oriental e no Brasil. Terceiro, o coinvestimento na cadeia produtiva é necessário entre torradores, emprestadores sociais e instituições multilaterais. Quarto, o tipo certo de financiamento deveria estar disponível ao participante certo no momento certo.

Sr. Craig Courtney, Consultor Sênior Independente, Iniciativa para o Financiamento dos Pequenos Agricultores

32. Há muitos tipos diferentes de risco – de mercado, de preços, de câmbio –, enfrentados por todas as partes na cadeia produtiva do café. Esses riscos também existem em outras cadeias produtivas, mas o café parece estar passando por maior dificuldade. De acordo com alguns relatórios, os empréstimos no setor cafeeiro diminuíram, enquanto aumentavam em outros setores. Assim, há um desacerto entre os riscos e as soluções. Algumas soluções consistem em finanças mescladas, alinhando as aspirações dos diversos provedores de capital para criar saídas com maior coordenação dos parceiros e da partilha de riscos.

Sr. Mauricio Ribeiro do Valle, Superintendente, Finanças e Desenvolvimento de Pessoas, Cooxupé

33. Os investimentos na produção de café são altos, mas juros altos são um grande problema no Brasil, como não são no mundo desenvolvido. Uma cooperativa pode atuar como intermediário entre o produtor e as grandes instituições financeiras, organizando seus membros e negociando com o sistema financeiro. Uma cooperativa também pode ajudar um produtor a acessar o mercado de futuros, para mitigar a volatilidade de preços, absorvendo os riscos marginais. Como tal, a cooperativa pode organizar os produtores para alcançar mercados externos de outra forma inacessíveis.

34. Os integrantes dos painéis também discutiram maneiras de visar especificamente os pequenos produtores de café, alguns dos quais enfrentam condições de vidas muito precárias, e maneiras de reduzir as incertezas no prazo mais longo. Enfatizou-se que é importante considerar para que fins o financiamento está sendo usado, pois ele tem de ser um investimento produtivo. Além disso, a capacidade de absorção de capital precisa ser suficiente, mesmo quando a oferta de capital está presente. Tem-se demonstrado que o uso de capital misto, mesclando financiamento por instituições dos setores público e privado, funciona em casos individuais, mas pode ser difícil de expandir. Finalmente, há certos riscos cambiais para os produtores, pois o café é cotado em dólares, o que acrescenta mais incerteza tanto para os produtores quanto para os emprestadores.

Palavras finais

35. O Presidente externou seus agradecimentos a todos os participantes e contribuintes dos painéis por uma discussão frutífera do tema do Fórum. Algumas das conclusões serão usadas na redação da Análise Estratégica. Concluindo os trabalhos, o Diretor-Executivo agradeceu ao Presidente, Sr. Orduz, por sua dedicação em advogar o enfrentamento dos desafios ao setor cafeeiro nos países produtores e a necessidade de lidar com eles em regime de cooperação.

36. O próximo Fórum se realizará em setembro de 2017.